

Apresentação dossiê: Literatura, história e pensamento

Frederico Garcia Fernandes* 

Diego Giménez** 

A relação entre literatura, história e pensamento remonta às origens da cultura ocidental. Aristóteles, na *Poética*, afirma que o poeta e o historiador não diferem por um escrever em verso e o outro em prosa, mas pelo fato do primeiro narrar o que poderia acontecer e o segundo o que aconteceu. Assim, para o filósofo do Liceu, a poesia é mais filosófica do que a história. Aquela procura o universal, esta, o particular. Essas afirmações foram contestadas ao longo do tempo e no decorrer de teorias e estéticas que questionaram os limites e as possibilidades quer da narração, quer do pensamento, quer da própria história. Como a narrativa lusófona enfrenta as questões levantadas por Georg Lukács, Walter Benjamin ou Adorno, se uma totalidade verossímil não é mais dada às formas? O número 36 da revista *Veredas* convida os leitores a pensar como se entrelaçam literatura, pensamento e história nos confins do narrável, mediante uma série de textos que interrogam a própria possibilidade da literatura.

Em “Faço tábula da fábula rasa”. Decolonial rewriting of Brazil in Paulo Leminski’s *Catatau*”, Peter Schulze trata da metaficção historiográfica sobre a colonização holandesa no Brasil, a partir do romance-ideia *Catatau* (1975), de Paulo Leminski. Ao longo do artigo, o autor demonstra como *Catatau* pode ser entendido como um “instrumento de pensamento” decolonial, baseado em uma estética performativa, em que Descartes é ficcionalizado e os racionalismos coloniais são negados, resultando em uma “des-interpretação” do Brasil como forma de “des-pensar” a colonialidade. Inocência Mata e Mário César Lugarinho discutem a formulação de histórias das literaturas africanas de língua portuguesa, no artigo “Um campo de batalha abandonado: a incômoda memória da literatura colonial portuguesa”. Os autores recorrem aos sistemas literários nacionais africanos e à literatura colonial portuguesa como forma de demonstrar a sobreposição temporal e cronológica desta última. Transitando por uma gama de historiadores e

* Diretor da Revista Veredas. Doutor em Letras e professor da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: fredma@uel.br.

** Doutor em Literatura e Pensamento pela Universidade de Barcelona e pesquisador de pós-doutoramento e professor do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. E-mail: dgimenezdm@gmail.com.

críticos, os autores analisam a historiografia literária em ex-colônias portuguesas tomando-a como um “conjunto discursivo que se organiza artificialmente a partir de alguma característica comum, que pode ir do histórico ao literário”. Nesse sentido, a noção de sistema é ampliada para a problematização de polissistema, com base na teoria do crítico israelense, Itamar Even-Zohar.

O artigo “Metaficção historiográfica em *Minuano*, de Tabajara Ruas: um novo olhar para a Guerra dos Farrapos” de Cíntia Roberto Marson, aborda a relação entre História e Literatura a partir da análise da narrativa infanto-juvenil *Minuano*. Alicerçada na teoria da metaficção historiográfica, de Linda Hutcheon, a autora demonstra como *Minuano* faz uma releitura da Guerra dos Farrapos, conferindo voz aos “silenciados pelo discurso da história oficial”. Os aspectos da metafictionalidade identificados na obra de Tabajara Ruas contribuem, segundo Marson, para a formação de um leitor crítico, capaz de compreender os acontecimentos históricos a partir de uma perspectiva diferenciada do discurso dominante no campo historiográfico.

Ainda dentro do arco temático proposto por este dossiê encontra-se o artigo “Da concordância entre o velho e o novo: ler a tradição em *Uma viagem à Índia* de Gonçalo M. Tavares”, de autoria de Catarina Nunes de Almeida. De acordo com Almeida, em *Uma viagem à Índia*, Gonçalo M. Tavares revisou o cânone literário ao apelar à revisitação da mitologia cultural e literária ocidental. Com base numa abordagem em *close reading* do romance, a autora demonstra como a tradição é revisitada e como o escritor português estabelece uma relação dialética entre presente e passado, tendo como ponto central o clássico *Os Lusíadas*.

Abrindo a seção livre de artigos, “*Finisterra* e os modos de povoar (ou perspectivar) uma paisagem”, de Gisele Seeger, aborda o agenciamento discursivo na obra *Finisterra*, de Carlos de Oliveira, tomando como pressuposto a teoria de Gérard Genette. Sua análise assenta-se sobre estudos narrativos contemporâneos, no qual a autora discute a perspectiva como um elemento estruturante na narrativa. Paulo Roberto Sodré, com o artigo “Notas sobre o *post-scriptum* e *Elucidação: pós-escrito a Mr. Name*, de Reinaldo Santos Neves”, trata sobre o processo de criação literária do livro *Blues for Mr. Name ou Deus está doente e quer morrer*, tomando como base seu pós-escrito. A partir da teoria estruturalista de Genette, o autor discute a relação entre o paratexto pós-editorial e a obra literária, do mesmo autor. Sodré indica como se estabelece na edição pós-escrita do romance apocalíptico de Santos Neves, considerando que o pós-escrito se trata de uma poética da narrativa, sendo revelador, inclusive, da gênese de criação do romance.

Em “Corpo elástico (sobre *Serão inquieto*, de António Patrício)”, Antero Barbosa analisa a obra de António Patrício, poeta, contista e dramaturgo, cuja produção situa-se na virada do século XIX e XX. Sendo assim, o artigo situa o escritor como uma importante referência do Modernismo português, uma vez que a linha argumentativa indica que o livro de contos *Serão inquieto*, de 1910, pode ser considerado uma referência para futuras gerações de escritores. “Refúgio, exílio e

hospitalidade em *Agora vai ser assim*, de Leonardo Tonus e *Teoria da Fronteira*, de José Tolentino Mendonça”, artigo de Keli Cristina Pacheco, fecha a seção livre de artigos. Nele, a autora discute a obra dos poetas Leonardo Tonus e José Tolentino Mendonça, tendo como foco a questão da hospitalidade, do refúgio e do gesto ético. Nesse sentido, a leitura proposta por Pacheco aborda a crise humanitária vivenciada por migrantes na Europa, perpassando por temas como a inquietude do tempo e a xenofobia.

No encerramento deste número são apresentadas quatro resenhas. Ligia Bezerra apresenta o livro *The Art of Brasília: 2000-2019*, de Sophia Beal. O livro encara o importante desafio de pensar a cidade a partir das relações de afetos e da vulnerabilidade social denunciadas pela cena artística, musical e literária de Brasília. Ligia Bezerra entende o livro de Beal como uma importante ferramenta para pesquisadores, já que contempla um olhar sobre expressões periféricas e insurgentes da cidade e de como elas são constituidoras do espaço urbano. Edmar Neves da Silva resenha a HQ *Roseira, medalha, engenho e outras histórias*, de autoria de Jefferson Costa, demonstrando a importância da memória geracional por meio de imagens e palavras em uma narrativa fragmentada. O livro ainda traz uma abordagem sobre a seca e os falares locais, num cuidadoso diálogo entre projeto gráfico e conteúdo. Silva, por fim, observa que esta HQ expressa um Brasil profundo por meio da memória social de negros. Na sequência, Márcio Ricardo Coelho Muniz apresenta a *Comédia Aulegrafia*, do dramaturgo português, Jorge Ferreira de Vasconcelos. A leitura atenta desta importante obra do teatro quinhentista demonstra como são operadas as relações de poder estabelecidas na corte portuguesa do século XVI, por meio dos jogos amorosos e dos arranjos matrimoniais. O autor da resenha ainda observa a importância da reedição feita pela editora Ponto de Fuga, de Lisboa, juntamente com o estudo crítico-introdutório de Silvina Pereira.

Finalizando esta seção e este número, Gabriela Silva resenha o romance *Cidade infecta*, de Teresa Veiga. Reconhecida pela temática feminista, a escritora portuguesa, autora de romances e contos, aborda as relações amorosas, familiares e culturais do século XX. O romance em tela não foge à temática feminista, tendo como foco as personagens Anabela e Raquel. A leitura atenta de Gabriela Silva demonstra como Teresa Veiga encontra-se em sintonia com inúmeras escritoras portuguesas que se debruçaram sobre a dominação do mundo masculino, denunciando comportamentos que levam ao apagamento da opinião feminina. Este número temático da *Revista Veredas* cumpre seu papel de disseminação da cultura literária de países lusófonos, fornecendo a seus leitores e leitoras reflexões sobre a história e a formação do pensamento. Esperamos que tenham uma boa leitura!

Coimbra/Londrina, maio de 2022.